

Entrevista<sup>1</sup>



**Georges Snyders**, professor honorário de Ciências da Educação da Universidade de Paris, é especialmente conhecido no meio educacional brasileiro através de dois de seus livros: *Para Onde Vão as Pedagogias Não-diretivas?* e *Escola. Classe e Luta de Classes*.

Inúmeras vezes, ao ler um texto que nos entusiasma, ficamos a cismar sobre quem e como é essa pessoa que expressa pensamentos tão ressonantes em nós.

Olhar, rosto, emoção, história particular de vida, marcas de experiência - todos são elementos que desafiam nossa imaginação. Quase sempre é impossível o acesso pessoal aos autores.

Quando este acesso se torna realidade, contribui para um conhecimento maior não apenas do autor, mas de seus próprios textos. Viver a expectativa desse contato, assim como o momento em que o tornamos realidade, é sempre emocionante. Ao contrário do que se pensa, são pessoas quase sempre acessíveis e providas de uma sabedoria humanizante.

A entrevista com Georges SNYDERS fora marcada para as 10 horas do dia 8 de agosto de 1990 em seu escritório em Paris, onde fomos recebidos com um sorriso acolhedor vindo de um senhor de estatura baixa, cabelos quase longos e grisalhos.

<sup>1</sup> Realizada por Lourdes Stamato De Camillis, mestra em Filosofia da Educação pela Pontifícia Universidade Católica - PUC/SP, artista plástica e técnica da Gerência de Atualização Profissional; traduzida por Elvira Cristina de Azevedo Souza Lima.

Observando seu local de trabalho, encontramos, além de uma mesa e muitos livros, um piano de cauda com uma partitura de Mozart aberta. Não imaginávamos que a música estivesse tão presente em seus interesses nem que fosse foco constante de suas reflexões. De certo modo em função do seu penúltimo livro - *A Alegria da Escola* - a primeira questão pedia uma apresentação de si mesmo de duas maneiras: objetiva e subjetivamente.

Apesar de ter sido um certo risco colocar uma questão subjetiva - muito em razão de suas idéias sobre a alegria enquanto expansão e transformação e sobre o caráter progressista da satisfação cultural - essa questão possibilitou-nos uma conversa, digamos, menos acadêmica. A entrevista foi precedida de um momento de certa descontração: tiramos algumas fotos, ouvimos o entrevistado tocar Mozart e apreciar um trabalho de papel artesanal que levamos de presente, o que fez a conversa tomar o rumo da arte, da cultura, da satisfação inerente a isso e ao lugar que ocupa na Escola.

Seu primeiro livro, editado em 1967, já tratava de música, assim como o último, de 1989, que tem como título: *L'École Peut-elle Enseigner les Joies de la Musique?*(2). Mais do que trazer sua fala especialmente para um público de educadores, esta entrevista mostra a contem poraneidade de suas reflexões, somadas a uma corrente de pensamento atual que tenta recuperar o aspecto subjetivo que permeia as relações entre as pessoas, seja na Escola, seja fora dela.

**Idéias** - Gostaria de que *o senhor nos fizesse* uma apresentação sua, objetiva e subjetivamente.

**Snyders** - Objetivamente, tenho 73 anos, aposentei-me há 5 anos e me afasto um pouco do mundo como o fazem todos os velhos.

Continuo ligado à Pedagogia, mas ocupo-me de questões de outra ordem. Hoje centro-me na questão do prazer e da alegria de aprender na Escola, procurando ampliar um pouco minhas colocações anteriores.

Subjetivamente, sou uma pessoa feliz e, ao mesmo tempo, desiludida com o rumo que as coisas tomaram no mundo nestes últimos anos. Estou bastante decepcionado com o que se passou nos países do Leste, na Alemanha, na União Soviética. Para as pessoas de formação marxista, como eu, é muito difícil compreender, admitir, diria mesmo digerir, o fato de que os valores sobre os quais construímos nossa existência - basicamente a idéia de que nesses países surgiriam um Homem novo e uma cultura e uma vida mais dinâmicas, e de que a Educação teria, assim, feito grandes progressos - sofreram um rude golpe.

Há, também, o episódio Iraque-Kuwait que poderia ser, talvez, já um primeiro confronto entre os países em desenvolvimento e os países ricos. Quando o Iraque diz que não há razão pela qual seu povo, numeroso, não possa usufruir de riquezas como o povo, menos numeroso, do Kuwait, eu temo que já estejamos vivendo uma crise que é resultante

2 O autor solicitou à entrevistadora que verificasse a possibilidade de publicação da obra, em português, o que já está sendo providenciado pela Editora Cortez.

do confronto entre países ricos e países pobres do mundo árabe. Eu espero que isto não venha a acontecer na África e na América do Sul.

Minha segunda decepção é que os países em desenvolvimento não se desenvolveram muito: continuam muito pobres. Tenho a impressão que no Brasil, país que visitei para ministrar cursos na Universidade de Goiás, há uma classe rica que sempre existiu, uma classe média que lucrou um pouco com a situação e que consegue viver, mas a pobreza, a miséria, a não-educação das crianças continuam de uma maneira muito cruel. A separação entre riqueza e pobreza permanece muito grande: a classe média procura se aproximar da classe alta e os pobres continuam sempre pobres. E na África é ainda pior.

Depois da Guerra Mundial nós tivemos grandes esperanças para a França, para os países comunistas e também para os países pobres em vias de desenvolvimento, e hoje, aos 73 anos, posso dizer que estas esperanças não se concretizaram. Não foi uma época tão dinâmica quanto eu esperava.

**Idéias** - Que resposta sua profissão deu à sua própria existência?

**Snyders-** Meu drama é que, enquanto educador e educador trabalhando, na universidade então, com jovens, enfatizei o marxismo e as explicações marxistas. Os cursos que ministrei giravam em torno de duas idéias essenciais: de um lado, a importância da luta dos oprimidos no progresso mundial, pois seria ela que promoveria a transformação histórica; de outro, a idéia de que a cultura, que é a nossa especialidade como professores, pode ser um meio de luta para os oprimidos, um dos meios para compreender por que ele luta e, também, para a própria organização desta luta.

O que me agradou muito em minha vida de professor universitário foi a não-existência de rupturas entre minha vida pessoal, social e de professor. Tive, assim, a possibilidade de organizar harmonicamente minha vida pessoal com minha mulher, que é professora de Matemática, e meus três filhos, que se tornaram professores também; minha vida social enquanto membro do partido comunista e minha vida profissional, como professor de Ciências da Educação. É um privilégio que se tem ao ensinar na Universidade.

No final da Guerra, depois que os americanos já estavam na França, fui preso e deportado. Este episódio me marcou muito porque foi aí que tive a experiência da infelicidade, da miséria, da humilhação. Era bom aluno, me saía bem nas provas, a vida ia bem e, bruscamente, pela primeira vez, apanhei, passei fome. Foi a partir deste momento que comecei a me preocupar com aqueles para quem esta experiência, que foi para mim temporária, representa o cotidiano.

Passei fome durante dez meses na minha vida, mas há muitos que passam fome a vida toda. Todos nós sabemos disso, mas é só ao passar pela experiência que se tem a exata dimensão do que ela significa.

**Idéias** - O senhor publicou *recentemente um livro sobre Música* ...

**Snyders** - A Música sempre teve uma importância muito grande na minha vida. Desde os seis anos de idade toco piano, meu pai me iniciou na Música e foi por isto que eu decidi terminar minha carreira escrevendo um pequeno livro sobre o prazer e a alegria da Música. É um livro escrito para a França que é o único país que eu conheço.

A Música é tida, por definição, como a matéria do colégio que não tem nenhuma utilidade. Mesmo que o aluno seja nulidade em Música, ele passará de ano se se sair bem nas outras matérias. Para a vida profissional, exceto para aquele entre cada mil que será um músico, a Música não servirá a nada.

Com a Matemática é diferente, os alunos têm de estudá-la; mesmo que não gostem dela, eles sabem que necessitam dominá-la para serem aprovados nas provas, passarem de ano, entrarem na Universidade e vencerem na vida.

Se o aluno se cansa da Matemática, ele continua a estudar porque sua aprovação depende dela. Já com a Música é diferente; se o aluno se entedia, ele simplesmente a abandona. A meu ver, este ensino da Música é falso ou se mantém unicamente pelo prazer de quem ensina.

Os jovens, entretanto, adoram a Música, passam grande parte de seu tempo ouvindo discos e fitas, mas, em geral não é a mesma que se lhes apresenta na Escola. O professor de Música se encontra em uma situação estranha: ele tem alunos que adoram música, mas não a música do professor.

Ora, não vale a pena ter um professor para fazer com que alunos ouçam na Escola aquilo que eles já ouvem fora dela. Fazê-los, bruscamente, ouvir Beethoven também não vale a pena, porque não dará certo. A questão que me coloco é a seguinte: será que não poderemos encontrar peças musicais intermediárias que possam levar o aluno, partindo do prazer que eles têm ouvindo suas próprias músicas, a, pouco a pouco, chegar ao prazer de ouvir os bons músicos?

A questão do ensino é levar os alunos, partindo daquilo que eles gostem, a conhecerem e compreenderem a produção dos grandes mestres.

*Idéias - Gostaríamos de que o senhor falasse um pouco sobre a formação dos alunos.*

**Snyders** - É difícil. Primeiro, porque estou muito distante da Escola. Segundo, porque o pensamento da esquerda sofreu, repito, fracassos muito sérios, que foram causados em parte pela ação dos adversários, naturalmente, e em parte pela culpa da própria esquerda. O adversário, o capitalismo americano venceu, mas não teria vencido se não houvesse ocorrido faltas graves por parte da esquerda. No plano político, é muito complexo e gira em torno da questão da liberdade e do direito do Homem.

No plano pedagógico, tenho receio de que também tenhamos cometido erros. Erramos em 1968 por excesso de otimismo. Acredito que um dos erros fundamentais reside no equívoco sobre a questão da criação: os alunos até o 2º Grau não vão à Escola para criar.

Acho que fizemos mal em utilizar este termo criação. Pego o exemplo mais simples: o desenho. A criança faz no desenho o que quer, quando quer, porque assim o permitimos na Escola maternal ou lhe damos orientações muito gerais. O jovem de 13, 14 anos, quando desenha, desenha aquilo que viu nos cartazes, na televisão ou, na melhor das hipóteses, nos quadros. Ele não cria nada de novo, ele interpreta a seu modo o que reteve do que viu e do que gostou. Não acredito que possamos utilizar o termo criação para estes casos.

**Idéias** - Não há criação nesta interpretação pessoal?

**Snyders** - Acho que é uma questão conceitual. Se já chamamos isto de criação, que nome você daria para Shakespeare ou Van Gogh?

Precisaria de um outro termo para designar este outro estágio.

No Brasil, assim como em outros locais, há uma tendência na Educação que é tão admiradora da produção da criança que perde o sentido das diferenças. Há diferença entre o que eles fazem e o que Van Gogh fez, por exemplo, e o aluno precisa perceber esta diferença. Temo que exista o risco de eles não perceberem. E este é um otimismo que pode custar muito caro à Pedagogia.

Entendo que o objetivo é levar o aluno, partindo de sua experiência e sensibilidade, a interpretar de maneira única e individual a cultura que nós lhe propomos. Ele não vai criar o novo sentido de um grande criador, não vai realizar uma grande obra, mas também não vai se limitar a uma repetição mecânica. O aluno tem uma personalidade única e o que me interessa é como esta personalidade única vai reter, amar, vibrar e, então, transformar esta cultura que a Escola lhe propõe.

É necessário incitar o aluno a fazer poemas e desenhos e que ele o faça na medida de suas possibilidades e de seus desejos. Ele precisa, todavia, ter consciência de que o poema que faz não é o de um Victor Hugo, nem o seu desenho é o de um Van Gogh. Ele precisa amar o que faz e amar também o que fizeram Victor Hugo e Van Gogh.

É isto que perdemos de vista na Educação: o aluno precisa ter consciência da distância que há entre os grandes artistas e nós todos. Para tanto, ele precisa conhecê-los cada vez melhor a fim de que suas próprias produções sejam cada vez mais originais, mais válidas e mais ricas. E este ir e vir entre sua produção e a obra dos grandes artistas que enriquece o trabalho do aluno.

Eu tenho receio de que a Escola hesite em dizer-lhe que a produção de Van Gogh é mais importante. Entretanto, os grandes mestres têm um percurso que não é somente genialidade. Veja Mozart, por exemplo.

Nem todos os trabalhos de Mozart são geniais. Várias obras são cópias do que existia na época, em música. Mas o gênio imita o que há em torno dele e através deste caminho, pouco a pouco, ele se torna "si mesmo", genial. O estudante precisa saber que seu primeiro poema, seu primeiro desenho pode ser tão pouco original quanto algumas peças de Mozart, mas que quanto mais ele trabalhar, quanto mais apreciar os grandes mestres, mais desenvolverá sua originalidade. O progresso dos alunos em Artes e Literatura não é muito diferente do progresso nas Ciências. Assim, o professor precisa conhecer a história da Ciência: não se pode avançar em Física Atômica se não se dominar tudo que já foi feito em Física Atômica.

**Idéias** - E a Didática?

**Snyders** - A Didática me parece uma Ciência em transformação, pelo menos na França. Um processo difícil, mas importante.

Durante muito tempo baseamo-nos na idéia de que bastava dar prosseguimento à experiência dos alunos para que eles progredissem. Acreditávamos que se eles observassem

bem os fenômenos, fizessem pequenos experimentos sozinhos e os olhassem atentamente, eles aprenderiam. Esta Didática é a de Freinet, de Claparède e mesmo de Piaget. Ela se apóia na continuidade.

A grande mudança atualmente é que se sabe que os alunos partem de uma concepção sobre as coisas. Mas estas concepções são, geralmente, falsas. Eles formam estas idéias a partir das possibilidades de nossa civilização, da TV, de tudo que existe por aí. Há, então, uma primeira tarefa que é ajudar os alunos a desconstruir estas noções falsas e a compreender por que elas são falsas. Somente depois o professor de Ciências poderá dizer-lhes o que é verdadeiro.

Dizer a verdade aos alunos não é suficiente para que eles aprendam. Para convencê-los é preciso explicar por que eles se enganam. Deve-se iniciar, assim, pela crítica à sua concepção, para apresentar, depois, a teoria.

Há um trabalho de desconstrução antes do trabalho de reconstrução.

A Didática está em processo de mudança e este é um processo complexo porque ao mesmo tempo em que ela pretende dizer o que é a verdade, ela se pergunta por que tantos alunos têm tanta dificuldade para aprender.

A Matemática é lógica e coerente e o raciocínio matemático deveria constituir-se sem grandes problemas. Ora, qualquer professor de Matemática vai dizer que a metade da classe não conseguiu acompanhar a matéria. São as idéias falsas que as crianças têm na Matemática que as impedem de avançar no raciocínio matemático. Então, uma crítica de sua reflexão é necessária para que eles possam ter condições de avançar.

**Idéias** - No início desta entrevista o senhor falou sobre a alegria de aprender na *Escola*.

**Snyders** - A alegria e o prazer na Escola parecem ser, também, uma questão de elite, porque são as crianças das classes mais favorecidas que são bem-sucedidas na Escola. As crianças burguesas, sintam ou não alegria na Escola, continuam a estudar, porque os pais acompanham-nas, ajudam-nas a formar hábitos de estudo e reforçam a idéia de que o futuro delas depende da Escola.

A maior parte das crianças em situação de fracasso são as de classe popular e elas precisam ter prazer em estudar; do contrário, desistirão, abandonarão a Escola, se puderem. Se não puderem, continuarão, mas não aprenderão muito.

Quanto mais os alunos enfrentam dificuldades - de ordem física e econômica - mais a Escola deve ser um local que lhes traga outras coisas. Essa alegria não pode ser uma alegria que os desvie da luta, mas eles precisam ter o estímulo do prazer. A alegria deve ser prioridade para aqueles que sofrem mais fora da Escola.

Sei que é um pouco utópico, mas de vez em quando é necessário sonhar. Estou aposentado e sei que sonho; mas o mundo precisa, de tempos em tempos, de pessoas sonhadoras.